

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno	Semest.	Trim.	N.º	20.º Anno — XX Volume — N.º 679	Redacção — Atelier de gravura — Administração
	86 n.ºs	18 n.ºs	9 n.ºs	à entrega		
Portugal (franco de porte, m. forte)	3\$800	1\$900	5950	5120	10 DE NOVEMBRO DE 1897	Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4
Possessões ultramarinas (idem)...	4\$000	2\$000	—	—		
Extrang. (união geral dos correios)	5\$000	2\$500	—	—		

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.



CHRONICA OCCIDENTAL

A Agencia Havas distribuiu, ha dias, o telegramma seguinte :

«Rio de Janeiro, 5. n. — Esta tarde um soldado do 10.º batalhão tentou disparar um tiro contra o presidente Prudente de Moraes, no momento em que este desembarcava no arsenal da marinha, depois de ter visitado o vapor, no qual regressou da Bahia o general Barbosa.

A multidão interveiu, travando-se grande motim.

O coronel Moraes, sobrinho do Presidente, que ajudou a desarmar o soldado, ficou ligeiramente ferido e o ministro da guerra recebeu uma punhalada, succumbindo rapidamente.

Ha alvoroço no Rio de Janeiro em resultado d'este acontecimento.»

Telegrammas posteriores vieram infelizmente confirmar a triste nova.

O marechal Bettencourt, o ministro assassinado, era homem de rara energia, como o demonstrára suffocando a revolta dos estudantes da escola militar e ultimamente partindo para a Bahia e auxiliando as operações contra os companheiros de Antonio Conselheiro.

E' com a maior anciedade que se esperam os pormenores d'este attentado, que bem demonstra a effervescencia dos animos nas luctas politicas de que são, ha muito, campo desgraçado os Estados Unidos do Brazil.

O sobrinho do sr. Prudente de Moraes, que ficou ferido, era chefe da casa militar do Presidente e, ha muito, odiado pelo partido jacobino.

A febre dos crimes politicos vae-se propagando, os delirantes, os epilecticos, encontram na desorganisação da sociedade cachetica amplo campo para, como em combate n'um circo, entre os applausos d'uns e os improperios d'outros, desenvolver energias, dar com a vingança cruel um curto descanso ás excitações.

Em todo o caso, justos ou injustos, degenerados sempre, com os stigmas da sua inferioridade gravados nos craneos, como em Carlotta Corday, ou nas faces asymetricas, como em muitos dos modernos anarchistas.

Doentes contra doentes, ha de ser terrivel a lucta por estes tempos de revolução em tudo, que vão correndo, sem um ideal consolador e definido para onde se possa appellar.

Doentes !

Ha dias com este titulo sahiu do prelo, editado pela casa de M. Gomes, um pequenino livro, de que são auctores dois rapazes de muito talento. Um d'elles, Julio Dantas é bem conhecido, desde ha um anno, pelo seu excellente volume de versos — NADA — o outro, seu collaborador agora, Manuel Penteado, já ha tempos com elle assignára uns pequeninos contos na Tar-

de, por essa occasião muito falados e discutidos.

Dizem elles no anteloquio : «Não nos apaixonámos pelas figuras do nosso livro, pela simples razão de que as não sentimos : estão muito longe da nossa sensibilidade de meridionaes e de affectivos. Esta rigidez de observação, em que ha o traço scientifico a dominar a maneira, — se maneira existe — dá ao livro um aspecto de cruza

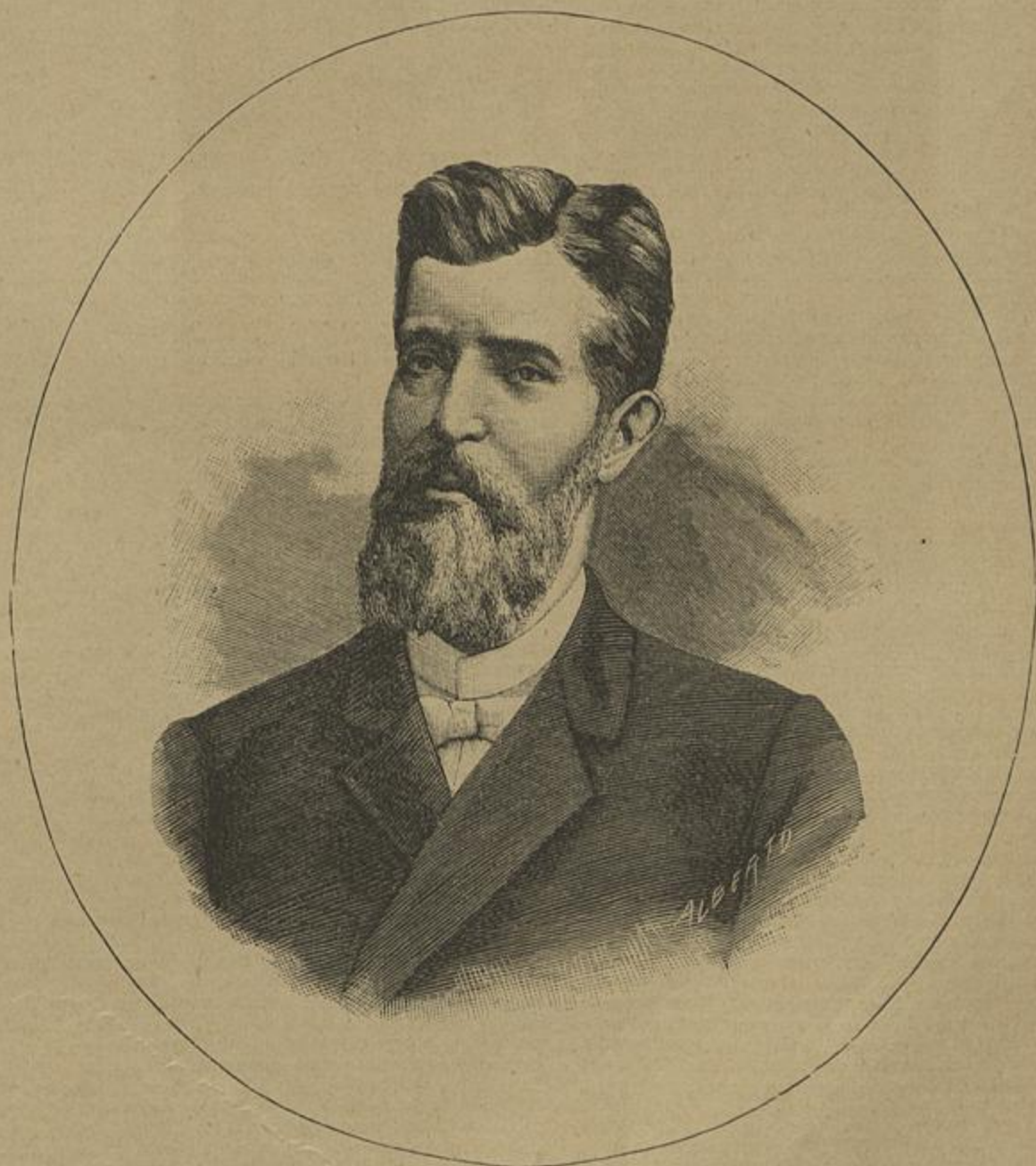
e de brutalidade, incompativel com a virgindade dos olhos verdes e das cabeças d'ouro.»

E quasi tudo são descripções de miserias, de vicios, de crimes, de loucuras.

Dantas e Penteado são entre os novos dos que mais alto hão de conseguir collocar os nomes.

Excellentes poetas, procurando afastar-se dos moldes envelhecidos, estudam a lingua em que hão de escrever, procurando domal-a em suas du-

O ATTENTADO CONTRA O PRESIDENTE DA REPUBLICA DO BRAZIL



O PRESIDENTE DA REPUBLICA DO BRAZIL, DR. PRUDENTE DE MORAES

rezas, escrevendo a phrase curta, expressa, rigorosa, como o exige a parte, toda sciencia, da sua ultima obra litteraria.

Estudantes ainda, ambos perto de terminarem o curso da Escola Medica, conscios do proprio valor, em vez de perderem tempo, nome e qualidades, escrevendo ao acaso da inspiração ou pela vaidadesinha de mais um volume publicado, nos proprios livros, nos casos pathologicos, encontraram o assumpto, que souberam expor n'aquellas paginas, muitas d'ellas d'alto valor litterario.

São dois rapazes que trabalham, que sabem trabalhar, e que, com mais uma duzia d'elles, contrastam luminosamente com tantos que se estreiam, que a toda a hora apparecem em jornales de critica, Jeremias de côco, já com todos os ares superiores da impotencia, chorando lagrimas sujas sobre a decadencia da litteratura.

E o que é innegavelmente verdade é que, ao passo que uma ou outra obra d'arte por vezes nos encanta e pôde ter um logar d'honra na bibliotheca pequenina, em todos esses milhares de artigos que a combatem, que pretendem esphacelal-a, não se encontra muita vez uma só phrase, um dito apenas, que prove um bocadinho de bom senso, uma maneira de vêr de artista. Logares communs, applicações disparatadas á obra nova de coisas já ditas.

E entretanto, não querendo exagerar, os artigos de critica que se publicam em Portugal dariam, pelo menos, duzentos grossos volumes por anno.

Chega a parecer extraordinario que tantos se occupem em querer dar cabo d'uma coisa que, dizem, não existe. Mas elles apresentam-se, todos no enorme batalhão, como cheios de idéas, de energia, de bom senso, de capacidades. Pois criem-as, se são capazes!

Não vale a pena, isto é um paiz desgraçado! E de supercilio melancolico, embuxam com todas as faculdades!

Alguns tentaram; não puderam, e são quasi sempre dos peores. Esverdinham e tornaram-se teríveis. A incapacidade propria excita-os contra os outros em que desejam ver eguaes, e então chamam-lhes idiotas. De cocoras na lama, esgaravam a ver se deitam abaixo o pedestal pequeno, que elles proprios levantaram, na esperança que o homemzinho lá de cima lhes desse um dedo.

Um dia, conversando com um dos melhores criticos de Portugal a respeito d'esse batalhão, que, muita vez escoraçado de jornaes serios, vai desafogar em papeluchos de vida ephemera, e perguntando-lhe o motivo porque isso faziam, respondeu-me:—É uma forma de esconder a vadiagem.

Aconselhamos a todos que lêsem o que d'elles diz muito justamente Veillot no seu injustissimo artigo sobre Murger.

Mas o proprio Veillot destaca este dos outros, porque Murger trabalhava. Não soube entretanto avalial-o, não quiz reconhecer a bellissima poesia d'aquellas paginas tão alegres, tão cheias de vida, e das outras tão amorosamente melancolicas em que as moribundas beijam os amantes e exhalam n'um beijo as almas!

Ha mais de sessenta annos que foram escriptas aquellas paginas das *Scenas da Vida de Bohemia* e, novamente agora nos appareceram respirando mocidade, na encantadora musica de Puccini.

Foi tal o exito da opera no theatro de S. Carlos, que, a par da musica, todos falavam na excellencia do poema.

Foi esse o motivo que levou Sousa Bastos a compôr a peça em cinco actos, que no sabbado, 6, pela primeira vez se representou no theatro da Trindade e que é feita sobre o libretto italiano, a antiga comedia de Barriére e a propria obra fundamental de Murger.

Encarregaram-se dos principaes papeis Palmira Bastos, Maria Pia de Almeida, Rosa Paes, Ferreira da Silva, Mello, Valle, Costa, Augusto, Queiroz e Joaquim Costa.

O eterno Murger, aquelle que melhor soube nos tempos romanticos cantar as alegrias e dôres da mocidade, atravez de todas as modificações padecidas pela obra primitiva, que obrigaram a moldar-se ás conveniencias do theatro, fulge com seu refulgentissimo talento, sol de todos os corações novos, em todas aquellas formosas scenas, em que Mimi apparece na mansarda, se apaixonou pelo poeta, morre d'amor, enquanto ainda vibra o ecco da gargalhad de Musette.

Mocidade, sonhos, risos em meio das lagrimas, como tudo foge!

«Musette, qui n'était plus elle,
Disait que je n'étais plus moi.»

Rodolpho, Marcello, Colline, Schaunard, foram os amigos dos nossos vinte annos.

Quem não riu com elles? Quem não chorou a triste morte de Francine a aquecer-se no seu regalo? Que delicioso perfume o de Musette! Que doidas alegrias n'aquella mansarda em que Mimi deixou o coração!

O supplemento litterario do JOURNAL publicou ultimamente uns capitulos das memorias de Schann (*Schaunard*), dono d'uma das primeiras lojas de quinquilherias de Paris e que sobreviveu a todos os seus companheiros de bohemia.

São paginas interessantes em que elle nos conta como conheceu Murger (*Rodolpho*).

Era a alegria dos corações no negrume da miseria. Bate a chuva nos vidros da trapeira, queimam-se os miseros tarcos no fogão. Depois as cinzas esfriavam no lar, a neve cahia silenciosa. Frio...! Escuridão!... Que importava? Tinham tanto calor e luz os corações!

Morreu, ha dias, em Lisboa, um d'esses typos da rua, de todos conhecido, o Mangerico. Muitas scenas poderia elle contar tambem, embora a bohemia de Lisboa não seja, senão nos pontos menos ideaes, comparavel á de Murger.

O campo em que o Mangerico manobrava era pequeno, limitado pelo Loreto e café Tavares. Da meia noite até de madrugada por aquelles asphallos arrastava a perna, fazendo recados, levando cartas, recebendo confidencias, dizendo os seus ditos. Compunha satyras que repetia, fazendo particular uso dos nomes poeticos. Apressado, coxeando, ia á Praça de Luiz de Camões buscar uma carruagem, abria sollicito a porta aos freguezes, fechava-a com estrondo, e, todo emproado, dizia para o cocheiro:

— Ora agora vê lá como levas esses pégasos!

João da Camara.



AS NOSSAS GRAVURAS

O ATTENTADO CONTRA O PRESIDENTE DA REPUBLICA DO BRASIL

No sabbado passado, 6 do corrente, foi esta capital surpreendida pelas noticias alarmantes que um telegramma expedido, em data de 5, do Rio de Janeiro e publicado em alguns jornaes da manhã, forneceu ácerca do covarde attentado que todos deploramos.

Esse despacho telegraphico era assim concebido:

Rio de Janeiro 5t.—Hoje por occasião do desembarque das forças victoriosas de Canudos, o presidente da republica foi victima no arsenal de guerra de uma tentativa de assassinio.

O ministro da guerra desviou o golpe, mas foi ferido com uma punhalada no ventre, morrendo instantaneamente.

O presidente sahio illeso.

A ordem publica está mantida.»

Seguiu-se a este telegramma um outro, cuja versão é desencontrada, como se vê:

Rio de Janeiro, 5 n.—Esta tarde um soldado do 10.º batalhão tentou disparar um tiro contra o presidente Prudente de Moraes, no momento em que este desembarcava no arsenal da marinha, depois de ter visitado o vapor no qual regressou da Bahia o general Barbosa.

A multidão interveiu, travando-se grande motim.

O coronel Moraes, sobrinho do presidente, que ajudou a desarmar o soldado, ficou ligeiramente ferido e o ministro da guerra recebeu uma punhalada, succumbindo rapidamente.

Ha alvoroço no Rio de Janeiro em resultado d'este acontecimento.»

Um d'estes despachos dá, pois, como segura a tranquillidade de ordem publica, e o segundo diz claramente haver alvoroço na capital federal, em virtude do desgraçado successo.

Até á hora em que escrevemos estas linhas nada mais adiantam as noticias recebidas do Brazil, a não ser respectivamente ao funeral da victima, de que a *Agencia Havas* deu a seguinte noticia:

Rio de Janeiro, 7.—Realizou-se hontem, com todas as honras do estylo, o enterro do ministro da guerra, ao qual assistiu pessoalmente o presidente da republica, sr. Prudente de Moraes, acompanhando o feretro até ao cemiterio. Todas as classes se fizeram representar, sendo o

numero de assistentes superior a vinte mil pessoas.

O sr. Prudente de Moraes, presidente da republica, tem recebido as entusiasticas ovações de todas as classes sociaes.»

Na verdade, de todos os presidentes da republica brasileira, o sr. Prudente de Moraes é inquestionavelmente aquelle que maiores sympathias tem creado. Concorrem para essa distincção os seus finos dotes de politico, a excellencia do seu caracter e o apurado criterio do seu espirito.

Todavia, o illustre chefe dos Estados Unidos do Sul tem como todo o homem de merecimento e em posição elevada, numerosos inimigos, que n'esta occasião hostilmente se evidenciam.

São bem conhecidas essas pugnas politicas, que tão azedas se tornaram, até se mudarem no sangrento attentado que victimou o mallogrado marechal Bettencourt.

Registrando este acontecimento, O OCCIDENTE presta a sua homenagem ao illustre presidente, inserindo o seu retrato no logar de honra e manifestando ao Brazil o seu sentimento por tão revoltante attentado.

Dada a escassez de noticias certas e amplas, não tentaremos descortinar as razões que possam explicar o tristissimo successo. Como seus antecedentes proximos dão se varias medidas energicas do mallogrado ministro da guerra, que determinaram a imminencia de uma sedição e cuja primeira victima foi elle.

O fallecido marechal, segundo informam, não tinha ainda 60 annos, e apparentava muito menos.

O mallogrado ministro era general de divisão, marechal-graduado e o governo portuguez agradeceu-o em tempo com as commendas das ordens militares de Christo e de Aviz. Era já o terceiro titular da pasta da guerra, na presente situação governativa dos Estados Unidos do Brazil, a qual começou tendo como ministro do interior e justiça o dr. Antonio Gonçalves Ferreira; da fazenda, Rodrigues Alves; do exterior, dr. Carlos Augusto de Carvalho; da marinha, Elisiario Barbosa; da guerra, o general Bernardo Vasques e das obras publicas Antonio Olympo dos Santos Pires.

Foram-se depois dando modificações, entrando para o ministerio do exterior o conselheiro Dionysio Serqueira, que ainda se conserva; para a fazenda, o dr. Bernardino dos Santos, actual ministro da pasta; para a guerra, o general Francisco de Paula Argollo, a quem succedeu a victima do attentado, e para as obras publicas Joaquim Duarte Martinho, o qual se demittiu a 2 de outubro ultimo, pelo que a interinidade da pasta foi commettida ao dr. Dionysio Evangelista de Serqueira.

Ao sr. ministro da guerra Francisco de Paula Argollo, general de brigada, foi concedida a exoneração em 17 de maio d'este anno, sendo acto continuo nomeado para tal cargo o marechal Bettencourt.

Como se pôde inferir do retrato que publicamos, o caracter do interregimo estadista reflectia-se na sua physionomia denotando uma decisão extraordinaria.

Durante a sua gerencia rebentou uma revolta entre os alumnos da Escola Militar, situada nas proximidades do Pão de Assucar. Machado Bettencourt suffocou logo energicamente esse movimento de indisciplina, castigando sem contemplações os seus instigadores. Uns foram demittidos do exercito, e outros enviados para Matto-Grosso e Canudos. O ministro mostrou-se inexoravel na punição, como convinha á disciplina offendida, e surdo a todos os empenhos movidos pelas familias dos delinquentes, algumas d'ellas bastante poderosas, que se converteram, é claro, em inimigas declaradas do marechal.

Pergunta-se se este facto terá alguma relação com o crime praticado agora.

Ha quem attribua o assassinio do ministro da guerra brasileiro e a mallograda tentativa contra o presidente da republica, a uma vindicta dos parentes dos alumnos da Escola Militar, mancomunados com os *Jacobinos* exaltados da opposição ao actual governo.

Liga-se tambem, o estranho facto do assassinio do marechal Bettencourt, com os acontecimentos de Canudos e com a ultima batalha dada contra as gentes de Antonio Conselheiro. Parece que ha descontentes, e que um d'elles é o general Arthur Oscar, vencedor dos fanaticos da Bahia e creatura desaffecteda ao marechal Bettencourt.

Resta, pois, averiguar se se trata de uma sedição, como é para temer, ou de uma vingança particular.

N'um caso ou n'outro o assassinato de Machado Bettencourt veio lançar a desolação nos ar-

raias da politica brasileira já tão asoherbada pelas luctas intestinas que ora se tinham reprimido com vantagem, fazendo esperar que uma era nova de paz e de socego surgisse no seio de aquella nação nossa irmã.

A CIDADE DE BALE

A gravura que apresentamos dá uma ideia da vista geral que offerece a pittoresca cidade de Bäle, na Suissa. Tão interessante historicamente como notavel por muitas outras razões, merece que nos occupemos d'ella.

Cidade illustrada, acalentou muito cedo a imprensa. Bem se pôde dizer que as suas edições, as da tão celebrada Basileia, conseguiram a justa fama do carinho e talento dos seus illustres impressores.

D'esses preciosos paleotypos possui a Bibliotheca Nacional de Lisboa alguns exemplares, que adeante mencionaremos.

Esta cidade suissa tem cerca de 30:000 habitantes e demora junto da confluencia do rio Birse com o Rheno.

Antigamente, era a capital do velho cantão de Bäle, e hoje constitue a capital do moderno cantão de Bäle-Ville.

A sua população é na maioria constituida por protestantes, entrando os catholicos por um quinto. Habitam n'esta cidade tambem alguns israelitas.

Industrial e commercialmente, Bäle é uma das primeiras cidades suissas e deve tal importancia muito principalmente a ser o centro da grande rede de vias ferreas. A sua industria tem productos apreciados, especialmente fitas, sedas, tabacos, pelles, objectos de ourivesaria e papeis.

Os seus monumentos são importantissimos, avultando entre elles a cathedra, começada em 1010 em estylo byzantino, e reconstruida em parte, quatro seculos depois, no estylo gothico, por ter soffrido os estragos de um tremor de terra. Encerram-se n'ella curiosissimos primores d'arte, entre estes a celebre salta do concilio que asseveram conservar-se tal qual era em 1431; os claustros que estabelecem communicação entre a igreja e o palacio episcopal, e que encerram os tumulos de varias personagens importantes.

Outras igrejas são tambem notaveis já por belezas architectonicas já por factos historicos.

Nos paços da municipalidade, construidos no seculo XVI, vê-se a estatua de Munacio Planco, ao qual se attribue a fundação de Bäle.

Possue tambem a grande universidade fundada em 1490, e que no seu gremio contou illustres professores que a levaram a extraordinaria reputação.

O museu de Bäle é tão notavel que abrange as seguintes secções: bibliotheca de 70:000 volumes, riquissima em livros raros e manuscritos preciosos; um medalheiro magnifico, uma collecção de antiguidades romanas e mexicanas; um curiosissimo gabinete de historia natural; uma notavel galeria de pinturas e desenhos; finalmente o arsenal, cuja construcção data do anno de 1438, e que possui uma excellente collecção de armaduras historicas.

Bäle corresponde á antiga Basilia, edificada no tempo de Valentiniano I, e fazia parte da Rauracia, cuja capital era Raurica ou Augusta Rauracorum; quando esta foi destruida, substituiu-a Basilia na importancia. Bäle fez parte da Borgonha, mais tarde esteve sob a dependencia dos imperadores de Allemanha, e, em 1501, entrou na Confederação Helvetica. Tornou-se notavel pelo famoso concilio n'ella realisado, pela assignatura de dois notaveis tratados e por ser a sede das assembleas de 1806 a 1812.

Bäle é a patria de alguns homens illustres, entre os quaes: Bernouilli, Euler e Holbein.

Dos seus impressores, a que alludimos, convém distinguir João Amerbach.

Os preciosos exemplares das rarissimas edições quincentistas da antiga Basileia, que a Bibliotheca Nacional de Lisboa possui, podem enumerar-se assim, chronologicamente, e seguindo as indicações bibliographicas que Antonio Feliciano de Castilho lhes dedicou no Appenso A ao seu *Relatorio* ácerca d'aquella bibliotheca.

1485 — *Institutis Cenobiorum* — Edição muito rara, não tendo cyphras nem reclamos, executada em bom papel e typo por João Amerbach. As letras capitaes são illuminadas á mão. É impresso a duas columnas de 47 linhas por pagina e conta 108 folhas. Segundo vimos do proprio volume este exemplar pertenceu á livreria de S. Sebastião de Xabregas.

1487 — *Sententiarum libri quater* de Petrus

Lombardus. Esta edição é pouco vulgar, não tem cyphras nem reclamos e é bem executada em papel forte e typo perfeito.

1489 — D'este anno ha, na Bibliotheca, tres obras impressas na velha Basileia, sendo duas d'essas edições muito estimadas (*De Trinitate* e *De Civitate dei cum commento* — S. Augustinis) pela sua bella execução typographica, em que tanto sobresahe João Amerbach.

1490-1492 — Comquanto menos raras, são apreciaveis as edições feitas na officina de Nicolau Kessler.

Entre as edições de 1492, distingue-se uma da *Opera* — S. Ambrosius feita pelo citado João Amerbach, que é uma terceira edição rara, sem cyphras nem reclamos, executado em bom papel e typo, com uma estampa aberta em madeira, representando Santo Ambrosio, sentado com a penna na mão, e por detraz um chicote, para significar que elle fora o flagello dos hereges.

1493 — D'este anno ha na Bibliotheca, um breviario, edição muitissimo rara, em magnifico papel e excellentes caracteres gothicos, e não mencionada, segundo refere Castilho, pelos mais acreditados bibliographos.

1494 — O *Kelatorio* consigna a existencia de tres edições, de pouca raridade.

1495. Ha d'este anno uma Biblia e os *Sermoes de tempore* de Divus Aurelius Augustinis, impressos por Amerbach.

1496 — Das duas edições que se guardam na Bibliotheca feitas n'esta epoca em Basileia, merecem especial menção a *Opera latina omnia* de Franciscus Petrarcha, que é a primeira edição, rara e de merecimento, com cyphras e assignaturas, tambem obra de João Amerbach.

1497 — A obra *Navis stultifera vulgari sermoe*, etc., por Sebastião Brant, que é edição rara e de muito merecimento, executada em bom papel e nitidos caracteres romanos, tem 159 folhas, com figuras abertas em madeira.

1498-1499 — D'estes annos, vimos uma Biblia, com os commentarios de Nicolau Lyra e uma outra obra cuja edição é vulgar.

Por este precioso peculio que possuímos de primeiras edições, de magnificos paleotypos de Basileia, se pôde apreciar a importancia da velha cidade de Bäle, e permittir-se-nos a extensão das linhas que lhe acabamos de dedicar.

A PONTE MARIA PIA SOBRE O DOURO

Esta bella ponte, por sem duvida, uma das maravilhas da engenharia dos nossos tempos, projectada e executada pelo celebre auctor da torre Eiffel, despertou aos habitantes da cidade do Porto graves receios sobre a sua estabilidade e solidez, e esses receios adquiriram tamanho vulto, que levaram o governo a nomear uma commissão de engenheiros para examinar o estado da ponte e propôr as immediatas providencias se d'isso houvesse mister.

Não era a primeira vez que se levantavam receios sobre o estado da ponte Maria Pia, pois já em 1891, ou quatorze annos depois da sua construcção, correram boatos alarmantes ácerca de aquella ponte do caminho de ferro, fundando-se em que a proximidade de uma fabrica de sulphoreto de carboné que ali existe, trouxesse ruina á ponte, pelo desenvolvimento de vapores sulphurosos na atmospheria, que atacassem a pintura e corroessem o ferro de que a ponte é construida.

Esta presumpção assás mitacolosa, foi desfeita pela commissão de engenheiros que então procedeu ao exame da ponte, pois que não encontrou o mais leve effeito dos presumidos estragos, e hoje, como então, tambem, felizmente se dissiparam os receios que havia sobre o estado da ponte, pois que a commissão agora nomeada, reconheceu a sua solidez e perfeito estado de conservação.

E' tão importante a ponte Maria Pia para o movimento da linha ferrea, da provincia do Douro e do Minho, que convém por todos os modos restabelecer a confiança publica, um tanto abalada, ainda que por mal fundados boatos, de que sempre fica alguma coisa.

A conservação da ponte Maria Pia está entregue a um partido de serralheiros e brochantes, que permanentemente a vegia, ora substituindo os rebites que caem e os taboleiros damnificados, ora pintando as peças novas, e procedendo, todos os tres annos, á pintura geral.

A commissão nas experiencias que fez para avaliar da solidez da ponte, verificou que, medindo as flechas produzidas nos rins e no fecho do arco pela passagem de comboios, dáva nos rins uma flecha de 20 millimetros. Estas flechas

perfeitamente de acordo com as experiencias feitas em 1877, parece não deixarem duvida sobre a solidez e resistencia da ponte, pois em 160 metros de vão uma flecha de 15 a 20 millimetros é insignificantissima.

Este resultado prova além da solidez da construcção, o cuidado com que tem sido renovados rebites e taboleiros, que por iniciativa da companhia dos caminhos de ferro, tem sido substituidos desde 1889.

Desde esse anno até o presente, tem sido substituidos 48 tramos de 11^m, 24 de 15^m, 14 de 18^m, 12 de 22^m e 29 de 30^m.

A ponte Maria Pia, cujo projecto e execução é do celebre engenheiro francez Eiffel, como se disse, é uma obra extraordinaria da engenharia dos nossos tempos, e sobre que se pronunciaram favoravelmente tres grandes engenheiros, Krantz, Molinos e Dion, quando lhes foi submettida á sua apreciação esta notavel obra.

O comprimento total da ponte Maria Pia, medido entre os paramentos dos dois encontros 352^m, 875, dos quaes 160^m correspondem ao arco e 192^m, 875 aos viaductos de ambos os lados. O arco é de forma parabolica; a flecha de intradorso é de 37^m, 50; a sua altura no meio 10^m. Esta altura, que dá ao arco grande resistencia, diminui dos lados, sendo ainda de 7^m, nos rins ou pontos de inserencia dos pilares que sustentam o taboleiro recto.

O arco apoia-se em quatro fortes articulações, duas de cada lado, distantes 15^m uma da outra, o que permittie grande resistencia do arco á força do vento.

O peso total da parte metalica d'esta ponte é de 4:100 toneladas, pesando 512 toneladas o arco, o que dá 3:200 kilos por metro corrente.

Em resumo o trabalho de ferro da ponte Maria Pia é pequeno e sempre de compressão no arco; as vibrações são, por isso, pequenas e destruidas por toda a ponte exercem acção quasi nulla nos rebites.

Tudo, pois, leva a crer na solidez d'esta ponte, e continuando a ser vigiada a sua conservação não deve haver receio sobre a sua estabilidade.

NA IBERIA

(PORTUGAL)

III

Logo que a victoria de Guadate poz termo angustioso ao reinado do vencido Rodrigo, que ficou talvez sepultado n'aquelle tremendo campo de batalha, avançaram os arabes no proseguimento da sua conquista que havia de levar-os até ao outro lado dos Pyreneus, onde se levantaria para esmagal-os a seu turno o valente Carlos Martel, soldado glorioso que d'elles triumphou em Tours no anno 732.

Na peninsula porém, nunca os invasores lograram submitter as Asturias, e desde o tempo em que Pelagio foi aclamado rei, não cessou por parte dos neo-godos a resistencia tenaz.

No seculo XI já havia na Iberia quatro estados christãos, Navarra, Castella, Aragão e Leão, sendo este ultimo incorporado ao de Castella no anno 1037.

Em 1085, governando Affonso VI o reino assim unido, teve logar a tomada de Toledo aos sarracenos, que seguidamente foi transformada em capital.

Durante a sua realza vieram á nossa peninsula varios homens illustres que o ajudaram eficazmente nas suas emprezas militares, e entre taes varões figura o nobre francez de quem o historiadôr Anquetil escreveu assim: «(1094) Henrique, neto de Roberto I, duque de Borgonha, que era tambem neto de Hugo Capeto, e Roberto Guiscard, fidalgo normando, ambos auxiliados pela nobreza franceza, conquistavam então alguns estados, o primeiro, o reino de Portugal, o segundo, a Apulia e a Sicilia, sem que o rei de França tomasse parte nas suas victorias.»

Deixando de parte o que é relativo ao normando Guiscard, temos como certa, no periodo transcripto, a estirpe real de que era descendente Henrique de Borgonha; quanto ao restante que lhe é attribuido, differe grandemente da verdade historica. Henrique, militou sob as bandeiras d'Affonso VI, e o monarcha leonez sentindo-se reconhecido aos feitos brilhantes do seu ardente auxiliar, que lhe dilatava os dominios, premiou-o com a mão de sua filha natural, D. Tareja, e investio-o no governo do condado de Portugal, situado no Douro. Em 1095, iniciou verosimilmente o conde Henrique o mister da governança nas terras des-

membradas por seu sogro do estado leonino-castelhano, e que tinham por limite ao norte o rio Minho e ao sul as margens do Tejo.

Por fallecimento do conde de Portugal, ficou na posse da herança seu filho Affonso Henriques. Com o andar do tempo, veio este a amadurecer o plano de libertar-se absolutamente de toda a dependencia estranha.

Em primeiro lugar, como lhe repugnasse o predomínio que exercia no espirito de sua mãe o fidalgo gallego Fernando Peres de Trava, predomínio que a tinha levado até ao extremo de esquecer-se do filho, cuja idade já era accommodada ao governo, travou com ella a batalha de S. Mamede no anno de 1128, coroadada pela victoria e posse do mando.

Affonso VII, successor d'Affonso VI, não parece ter visto com bons olhos a tendencia cada vez mais pronunciada que impellia seu primo no caminho da autonomia.

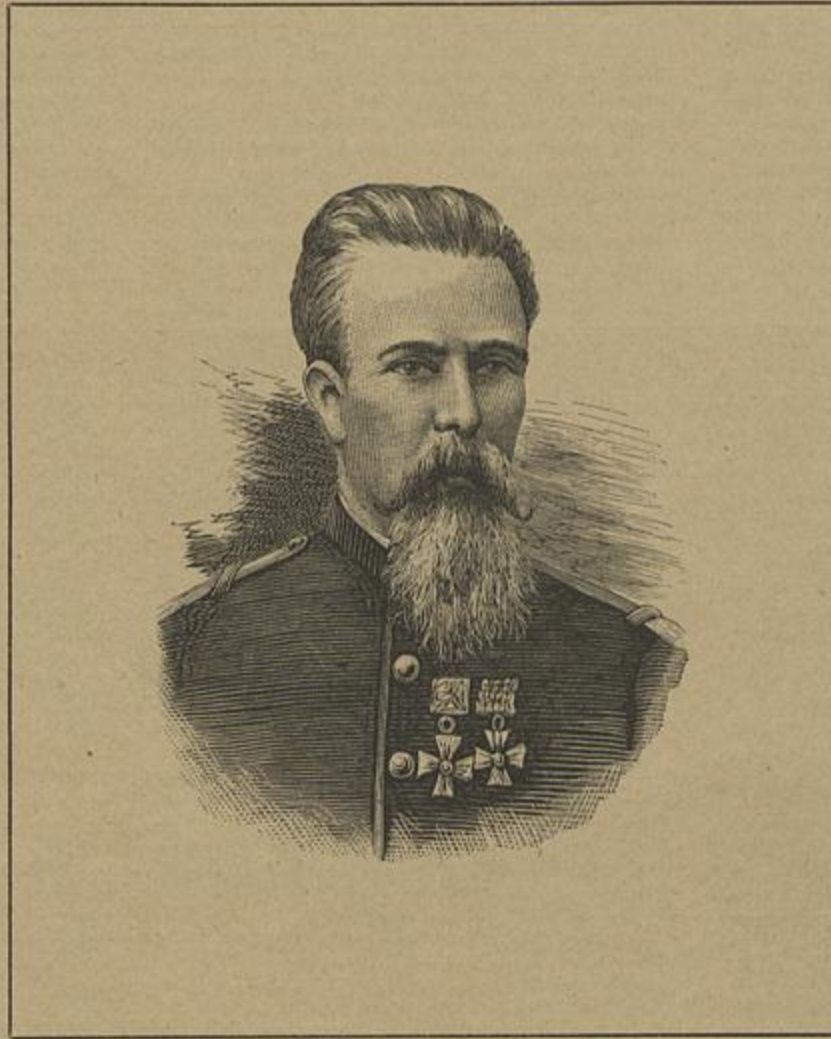
Tiveram lugar commettimentos militares entre Affonso Henriques e o soberano de Castella e Leão, sobresahindo a acção de Cerneja, em que os portuguezes triumpharam, e o combate singular de Valdevez.

Celebrou-se em Tuy no anno de 1137 uma paz provisoria, que não contentou Affonso Henriques, cuja unica aspiração visava a uma corôa real.

Em 1143 ou 1144, chegou finalmente o momento porque elle tanto anhelava, sendo lhe reconhecido em Samora o titulo de rei, que já usava desde 1136, em cujo anno foi ferida a batalha d'Ourique, celebre por muitos motivos.

O papado era n'aquella epocha a potencia mais acatada na christandade, e querendo o nos-

O ATTENTADO CONTRA O PRESIDENTE DA REPUBLICA DO BRAZIL



MARECHAL CARLOS MACHADO BETTENCOURT, MINISTRO DA GUERRA DO BRAZIL — ASSASSINADO EM 5 DO CORRENTE

so venturoso principe assegurar por modo mais solemne e perduravel o famoso titulo, recorreu á côrte pontificia para lh'o confirmar.

E' do theor seguinte o começo da bulla d'Alexandre 3., acqüiescendo aos desejos do primeiro soberano portuguez: «Alexander Episcopus, servus servorum Dei, Charissimo in Christo filio Alfonso illustri Portugalensium Regi, ejusque Hæredibus, in perpetuam rei memoriam.

Manifestis probatum est argumentis quod per sudores bellicos et certamina militaria inimicorum Christiani nómínis întrepidus Extirpator, et Propagator diligens fidei Christianæ, tanquam bonus filius, et Princeps Catholicus, multimoda obsequia Matri tuæ Sacrosanctæ Ecclesiæ impendisti, dignum memoriæ nomen, et exemplum imitabile Posteris relinquens: Aequum est autem ut quos ad regimen et salutem populi ab alto dispensatis Cœlestis elegit, Apostolica Sedes affectione sincera diligat, et in justis postulationibus studeat efficaciter exaudire.

Proinde nos attendentes Personam regimen idoneam, eam sub Beati Petri et nostra protectione suscipimus, et Regni Portugalensium cum integritate honoris Regni et dignitate, quæ ad Reges pertinet, nec non omnia loca quæ cum auxilio Cœlestis gratiæ de Saracenorum manibus eripueris, in quibus jus sibi non possunt Christiani Principes circumpositi vindicare, Encellentia tuæ concedimus, et auctoritate Apostolica confirmamus.

D. Affonso Henriques falleceu no anno de 1185, deixando Lisboa, Santarem, Cintra, Almada, Palmella, na herança de Sancho I.º, seu filho e successor no throno até 1211.



SUISSA — CIDADE DE BALE

Nos reinados seguintes, d'Affonso 2.^o (1211 a 1223), de Sancho 2.^o (1223 a 1245) e d'Affonso 3.^o que morreu em 1279, não cessaram os feitos guerreiros contra os infiéis, os quaes, foram por fim vencidos em todo o Algarve.

Esta ultima conquista de D. Affonso 3.^o, animou-o a emprender digressões marciaes ainda mais vantajosas pelas terras da Andaluzia, que despertaram por seu turno a attenção d'Affonso 10.^o de Castella.

Ao castelhano não agradou o incremento que iam tomando as armas victoriosas dos portuguezes e por isso oppoz se-lhe a marcha triumphal.

Aqui terminou o arredondamento da nacionalidade portugueza na peninsula iberica, á qual a

VULGARISAÇÃO

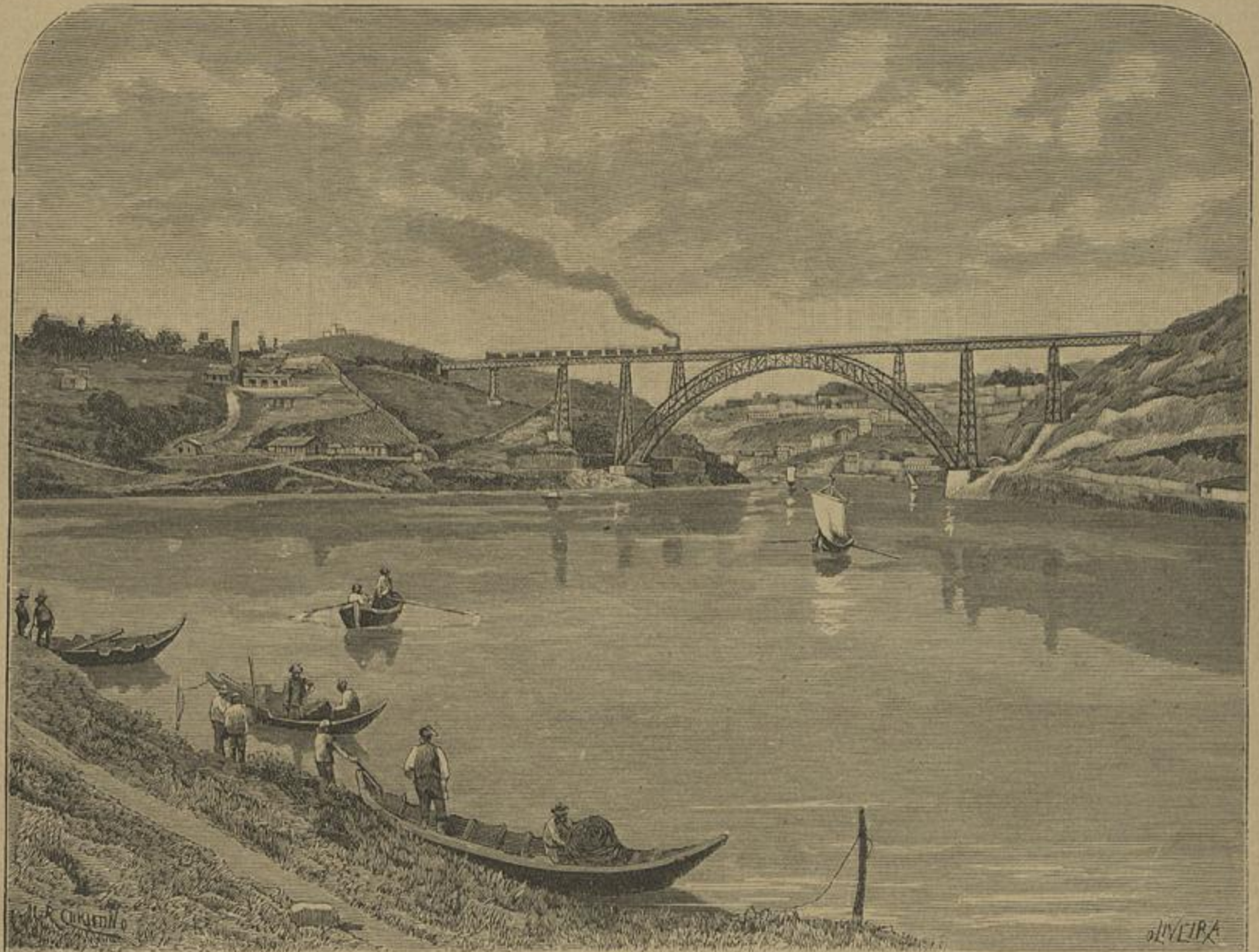
A DANSA

II

Na primitiva, os christãos adoptaram, como a traz deixamos dito, as dansas sacras dos pagãos e dos israelitas, accommodando-as ao ceremonial do seu rito, e, nas egrejas mais antigas de Roma, era caso vulgar armarem estrados e palanques para as dansas, durante as festas mais importantes e solemnes.

O uso degenerou, porém, em abuso, a ponto de,

ziam parte obrigada das festividades mundanas; Galeazzo Sforza, em Milão, celebrou as suas nupcias com Isabel de Aragão mediante sumptuosa festa, cujo principal attractivo foi um bailado allegorico: figuravam, Jasão empreendendo a conquista do Vello de ouro, Apollo disfarçado em pastor, Admeto, ao qual Mercurio vinha roubar um vitello, Diana com as suas nymphas; Atalante, e Theseu, que exterminava o javali erimanthico. No *Tableau* final, como hoje diriamos, as personagens mythologicas, em cortejo ludico, vinham offerecer presentes aos noivos: Diana brindava os nubentes com um veado, Theseu com um javali, Jasão com um cordeiro, Apollo com um vitello, e Neptuno mimoseava-os com um cambo



PONTE MARIA PIA SOBRE O DOURO

(Cópia de uma photographia do sr. Biel)

civilização humana haveria de dever os periodos mais brilhantes do seu esplendor.

Portugal era um facto consummado na existencia dos povos livres, e os musulmanos que elle destroçara não estavam já muito longe da hora em que lhes seria absolutamente impracticavel sustentar dominio nas regiões encantadoras das Hespanhas.

São dignas de meditação estas phrases de Schæfer a proposito d'Affonso 3.^o: «Se elle mostrou mais actividade, força e sabedoria do que seu irmão, é justo accrescentar que a fortuna lhe foi mais favoravel.

Os contemporaneos celebraram-lhe os successos, a historia transmittio-os á posteridade, ao passo que uma sombra espessa cobre a vida de Sancho e até occulta as suas virtudes».

D. Francisco de Noronha.



em 744, o papa Zacharias prohibir formalmente as dansas nos recintos das egrejas; e, no dizer dos chronistas, já no seculo xiv a ira celeste havia fulminado os apologistas dos bailes ao divino, com um tremendo castigo—a dansa de S. Vito.

Sem embargo de exemplo tão terrivel, as dansas religiosas atravessaram ainda toda a Edade-media, e não duvidavam tomar pessoalmente parte n'ellas os proprios prelados, e outras sumidades ecclesiasticas. O Concilio de Trento foi encerrado com um «baile de ecclesiasticos»; e, durante as festas da Paschoa, os conegos e os meninos do côro bailavam todos juntos no côro da igreja. As canonisações de S. Carlos Borromeu e de S. Ignacio de Loyola, foram, por toda a christandade, celebradas com verdadeiros bailados mimicos, nas egrejas, em que eram figurados os episodios da vida de tão santos varões.

As dansas mimicas baseadas em assumptos de enredo complicado, mas de character profano, contribuidos de preferencia pela mythologia pagã, generalisaram-se tambem a par das primeiras e fa-

de peixes. Deu muito que fallar este bailado; e os imitadores entusiastas em breve espalharam a moda por toda a Italia.

O assumpto de uma das taes dansas é assaz curioso e, pela intenção critica e philosophica que presidiria á composição, merece ser mencionado. Apparece a Verdade, disfarçada em mendiga esfarrapada, e conjuntamente, multidão de individuos de varias classes e cathogorias: advogados, medicos, cavalleiros, soldados, (jornalistas, ainda os não havia,) implorando caridade, successivamente, a mercadores usurarios, folgasões e mundanárias, mas é repellida por todos. Compadece-se d'ella, a final a *Musa do Theatro*, leva-a consigo, veste-a e atavia-a sumptuosamente, ensina-lhe a dansa, e a declamação; e a Verdade, debaixo d'esta sua nova forma, passa a ser bem-quista e adorada por toda a gente.—Devemos concordar que, hoje em dia, se encontram por ahí librettos muito mais insignificativos e banaes.

—D. Pedro o Cru, dansando á frente da arraia miuda, pelas ruas da velha Lisboa; D. João II

figurando como protagonista nos mimos e foliões que com tão lendária sumptuosidade celebraram o casamento do seu malogrado herdeiro, tem entre nós sido objecto de tantas e tão proficuentes descrições, que nos dispensamos de insistir em qualquer dos factos.

Um celebre *mimo* ou mascarada de selvagens, ia custando a vida ao desditoso Carlos VI, em França; o pobre rei, cujo fato de pelles se incendiara, salvo com immensa difficuldade, de susto, porém, enlouqueceu.

As dansas populares eram completamente obrigadas em festas e solemnidades de toda a ordem, e para cá dos Pyreneus, constituidas por elementos muito mais variados, taes como essas famigeradas dansas mouriscas, as dos judeus e mais tarde, em Portugal, principalmente, as de variadissimas proveniencias exóticas — dansas de jáns, batuques de pretos etc., ás quaes não faltava esse elemento inseparavel dos regosijos populares — o burlesco: representado por allusões satyricas, por vezes, salgadinhas, aos abusos e prepotencias das classes superiores, caricaturas grotescas dos ridiculos sociaes, como por exemplo, a dansa dos velhos, hoje quasi cahida em desuso.

As corporações dos officios emulavam entre si a qual havia de apresentar na rua dansas mais lúidas e mais ricas em fantasiosas invenções: elefantes, dragões, anjos, demonios, os inseparaveis selvagens, os pastores e as pastorinhas: as que em Lisboa abrihantavam o prestito da procição do Corpus Christi, ficaram entre nós lendarias. Figuravam então lúidas exhibições coréographicas, pessoas dos dois sexos, posteriormente, porém, o requinte de beaterio, em que haviam cahido os costumes, excluiu de tomar parte em tão innocentes regosijos ás pessoas do sexo feminino: as dansas pyrrhicas do seculo xvii, as dos pastores e pastorinhas, que datam do seculo xvi, assaz decadentes, porém, nos seus elementos de sumptuosidade, duraram até nossos dias e reaparecem todos os annos com o entrudo: as graciosas pastorinhas, essas é que já lá vão, em vez d'ellas, meneiam-se indigestos machos de destrahido *travestito!* As Marcias, as Chloris, as Amarylís... é cada matulão!

A choréographia não veio, porém, nos tempos modernos, a assumir proporções de verdadeira arte, antes do meado do seculo xvii, para o que principalmente concorreram esses magnificentes bailados mythologicos da corte de Luiz XIV de França, em que não desdenhava tomar parte o proprio Luiz o *Magno*, — o rei sol —, cujos assumptos envolviam sempre, mais ou menos, a glorificação do excelso monarcha; que da corte transitaram para o theatro e vieram a fundir-se com a Opera. Predominava em tão esplendorosas exhibições gosto affectado e convencional, característico, alias, da época. átrios grandiosos, interminaveis columnatas surgindo por milagre no Olympo; Jupiter de peruca annellada, capacete pseudo-romano e cocar de plumas: manto, saio de crinoline, muito enfunado ou retezado com arcos de pipa etc., mas apesar d'esses ridiculos todos é inegavel que abriam não somente caminho á moderna arte choréographica, como tambem concorreram a imprimir poderoso impulso ao progresso do theatro, em geral.

(Continúa)

Pin Sel

FERNÃO DE MAGALHÃES

DESCOBRIDOR DAS FILIPPINAS

XVI

(Continuado do n.º 676)

Havia mais de tres mezes que Magalhães tinha atravessado o estreito com a sua frota e não podera até ali reconhecer as ilhas que encontrara.

Chegou o dia 16 de março do 1521, que era domingo de Lazaro, e com elle o descobrimento de um novo archipelago, que Magalhães denominou S. Lazaro, em razão do dia em que o descobrira.

A primeira ilha d'este archipelago era a

ilha Zamal, assim denominada pelos natu-raes e que tambem se encontra nos mapas com o nome de Samar, e ainda no *Diario* de Albo com o nome de Suluan e Yunagan, como as primeiras ilhas reconhecidas pelos castelhanos.

Foi n'este archipelago que Magalhães desembarcou com parte da sua gente, armando duas tendas para os doentes, e descansando alguns dias em terra, da penosa e longa viagem que todos traziam.

A ilha escolhida foi a Humunu a que os navegadores chamaram Aguada dos Bons Indios, por terem ali feito aguada e por seus habitantes serem doces, quasi timoratos, pelo menos em presença dos visitantes. Com elles trocaram das bagatellas que levavam por viveres de que careciam.

Boa gente eram os indigenas d'esta ilha onde os navegantes poderam descansar alguns dias; depois do que proseguiram viagem, avistando a 27 de março outras ilhas para O. e S. O. as quaes verificaram serem tambem habitadas.

As novas ilhas denominavam-se Masavá ou Masaguá, Butuan e Calagan, comprehendidas no archipelago que Magalhães denominou de S. Lazaro e a que depois se chamaram Filippinas em homenagem ao filho de Carlos V¹.

Não foi difficil aos navegantes entrarem em boas relações com os habitantes d'estas ilhas, os quaes vieram em barcos ao encontro da frota e falaram com Magalhães por meio de um interprete que os hespanhoes levavam e que falava o malayo.

Tão bem se entenderam, que o rei da ilha de Masavá veio a bordo fazer os seus cumprimentos a Magalhães, trazendo-lhe presentes, que este não quiz acceitar, na primeira entrevista, para mostrar que não o movia a cobiça, antes presenteando o rei com mercadorias que levava.

O rei de Masavá mostrou-se muito reconhecido a Magalhães e tanto que, pedindo este para com elle trocar viveres por fazendas o rei lhe mandou arroz e do mais que tinha recebendo tecidos de côres que muito lhe agradaram.

Na visita que o rei fez a bordo, Magalhães mostrou-lhe as armaduras d'aço dos seus soldados que os tornava invulneraveis aos golpes ou aos tiros das armas de fogo; fez exposição das armas que levava, mandou disparar a artilheria, o que tudo causou espanto ao rei indigena.

Isto deu motivo ao rei de Masavá para se considerar honrado com a amizade d'aquelles estrangeiros subditos de um rei christão poderoso, e por isso dispensou-lhe toda a boa hospitalidade de que dispunha n'um paiz semi-selvagem.

¹ Alguns escriptores, mesmo os hespanhoes tem confundido estas ilhas do archipelago de S. Lazaro com as ilhas dos Ladrões, que já citámos.

A obra de Mallot *Les Philippines*, publicada em Paris em 1846 não deixa duvidas a este respeito.

A convite do rei, foi a terra Pigaffeta e outro companheiro para conhecerem do paiz em que estavam.

(Continúa).

CAETANO ALBERTO.

FORMOSURA PORTUGUEZA

Conto histórico do tempo dos francezas

(Continuado do numero anterior)

VI

São por demais conhecidas as pretensões de poderio, com que Junot se julgou habilitado a governar os portuguezes, que de facto lhe haviam de merecer fraquissimo conceito, pelo seu desconjunctado procedêr e pelo enfraquecimento, em que desgraçadamente os deixara a cobardissima fuga do chefe do Estado, e os entretinha a amolecida regencia, sua digna representante.

Por serem tão conhecidos portanto todos esses factos, não nos demorarêmos a relatal-os, ao tratar simplesmente de um episodio romantico-histórico d'essa calamitosa época, episodio, convem sabê-lo, verdadeiro nas suas linhas geraes tanto romanticas como historicas.

O povo começava a vêr claro nas intenções do general estrangeiro, mas ainda zombava um pouco do assumpto, cantando nas romarias:

O *Jino* diz que é bravio...
bravio sou eu tambem;
lá bravio por bravio
mais bravio é o meu bem.

O fementido general, que se alojara principesmente em Lisboa, no palácio do barão de Quintella, á rua do Alecrim, depôis de têr recusado o palácio da Bemposta, que a regencia, sua serva obediente, lhe oferecera, ao pretendêr sufocar os movimentos de manifesta rebelião contra o despotismo intempestivo da sua autoridade, espalhou tropas em toda a parte, aonde pôde mandal-as, no Algarve, no Alemtejo, na Beira, na Extremadura e n'outros sitios, onde se cometiam depredações e atrocidades.

Os executôres e mandatarios nefandos d'essas selvagerias eram Margeron, Kellerman e Loison, a cujas ordens manobravam ss diversas fações invasoras.

A academia secundava brilhantemente o movimento revolucionario; e o povo cantava já d'este feito:

O *Jino* cá nesta terra...
deixem-no dizêr que a leva;
deixem-no tratar do porco...
hêmos de vêr quem o ceva.

Ai, le! meu bem, não me fujas,
não me deixes aqui só;
vâmos dar cabo do corpo
e mais da alma do *Jino*.

As batalhas da Roliça, a 17 de agosto de 1808, e a do Vimieiro, a 21 do mesmo mêz, commandando Laborde as tropas francezas e Wellesly, duque de Wellington, o exercito anglo-luso, foram o golpe fatal para os intrusos da primeira invasão; os quaes deveriam ser expulsos do paiz, sôb o vilipendio de uma derrota vergonhosa e sôb o stigma de despreziveis, salteadores e aventureiros.

A convenção de Cintra, de 30 do sobredito mêz e anno, deu-lhes porém vantagens injustificaveis, denunciadoras de uma benevolencia e precipitação, dignas da máxima censura.

Concedêr a invasôres cavilozos, rôtos e famintos, sem força nem recursos ou prestigio de nenhuma especie, as honras militares, deixando-os de mais a mais sair do reino com armas e roubos de todo o genero sacrilego, particular e público, pode ser um cúmulo de generosidade, mas não deixa de constituir um erro gravissimo de politica e administração, que boa politica é.

Junot, o governador de Portugal, em nome de Napoleão, devia orgulhar-se de têr conseguido o que nunca poderia esperar, e ainda mênos conseguir.

As duas invasões subsequentes foram o prêmio condigno d'essa injustissima generosidade. Junot riu-se do caso, com certêza.

Nos nove mêzes decorridos, desde a sua entrada, como educanda, no convento de Hoyos, Luiza fizera progressos admiráveis em artes e letras, correspondendo assim brilhantemente aos intuitos dos mestres e sobretudo aos desejos de Juvat, que já por duas vezes recebera meia duzia de linhas em sofrível francês e em bilhetes inclusos nas cartas da priorêza.

Luiza pedia a Deus pela saúde do capitão, e sabendo-o em luta com os seus compatriotas, rogava-lhe ingenuamente que fosse cauteloso, e que deixasse a guerra, de uma vez para sempre.

A superiora do convento, ao escrever ao sobrinho, apesar de toda a sua frieza aparente, relatava-lhe com miudeza os diferentes episódios da educação da moça portugueza, a cuja índole, sentimentos e aplicação dedicava encômios, que levavam ao coração de Juvat verdadeiro entusiasmo.

Entretanto, ao terminar a campanha, o galhardo capitão, tendo-se batido com denodo na batalha de Vimieiro, recebia o posto de major e uma ferida de certa gravidade, quem sabe? talvez ao pensar nas últimas e agradáveis informações, que recebera do convento de Hoyos.

A nova patente fóra-lhe dada em formatura, com palavras honrosíssimas pelo general Thiebault, chefe de estado maior.

Quando, na volta de Portugal, onde se portara excelentemente, como homem e como inimigo, descavalgou de novo a portaria d'aquella edificação religiosa, levava ao peito o braço esquerdo, atravessado por uma bala.

A superiora, acompanhada de Luiza, não se fez esperar, ao saber que o sobrinho, de passagem para a França, vinha matar ardentes saudades, e despedir-se.

O coração ancião de Juvat batia apressado, porque a aparição da joven educanda ia dar-lhe uma prova fiel da sua dedicação.

A sua imagem fóra-lhe companheira assídua, tinha-a sempre presente; o talhe, a maneira de falar e sorrir, o modo de andar, as mais insignificantes minudencias do seu rosto fatídico — tudo se lhe gravara indelevelmente na memória.

Ao aparecimento das duas senhoras, por tanto, Juvat deixou de vêr a tia, para só atentar e absorvedoramente fitar os olhos na figura encantadora de Luiza.

E fô de excellente agóiro esse fitar penetrante de olhos verdadeiramente apaixonados.

A rapariga com uma radiante expressão de alegria pintada no semblante, pudicamente velado pelo natural acanhamento, que ainda não perdêra, e lhe dava realce á formosura, apertava trêmula a mão do moço official, através da grade da janela, já nossa conhecida, e correspondia plenamente ao olhar affectuoso, que se lhe dirigia.

Depois de beijar filialmente as mãos da madre abadessa Juvat quedara-se encantado do que via; parecia-lhe até que Luiza redobrará de beleza; no que não se enganava, e para o que concorria a diferença da vida, que ella vivia.

Os olhos brilhavam com mais fogo; o rosto purificara-se, adquirindo o branco-roseo das estirpes de bom e puro sangue aristocrático; o busto endireitara-se-lhe, o riso augmentara de docura; as formas adquiriram perfeita flexibilidade; o tódo finalmente tomara o ar distincto das educações aprimoradas.

Fôra-se a camponêza, e ficara a senhora. — As suas mãos, minha boa tia — disse o rapaz, ao fim do seu rápido exame — deixe-me beijar-lhe as mãos novamente.

A abadessa condescendeu, compreendendo-o, e envaidecendo-se um pouco, digamos assim, pelo que se estava passando.

Muito obrigado, querida tia! Deixe-me beijar-lhe as mãos de agradecido.

— Seja. Mês... porque, sobrinho?

— Porque a melhor das mães não conseguiria maiores resultados.

— Luiza é muito inteligente.

— Embora. A naturêza pôde muito, a índole é consequência da naturêza, mas uma e outra, em tudo o que se relaciona com o genero humano, se modifica, se amplia e engrandece pela civilização e pela arte.

— Eu já renunciei todas as vaidades do mundo. Não queiras tu agora envaidecer-me...

— Ajude-me, Luiza: diga-me que minha tia tem sido para comsigo uma verdadeira mãe.

— E tem, senhór capitão.

— E tem, Adólfo — dirá, se me faz favor.

— E tem, senhór...

— Outra vez?

— Pois bem, Adólfo. Que quer que eu diga?

Que estou muito grata aos beneficios, que tenho recebido? ao bem, de que sou devedora? Agora que os compreendo... devo...

— Desculpe-me, se a interrompo. Luiza não tem que agradecer absolutamente, porque nada deve, porque de muito mais é merecedora. E já que os tempos mudaram, e agora que disfructo a ventura de a comprehendêr, e de ser comprehendido, peço-lhe que não falemos ainda do passado. Um dia virá, e tome bem nota do que lhe protesto, um dia virá, em que lhe pedirei perdão do passado, e lhe perguntarei qual poderá sêr a minha punição e a nossa sorte no futuro.

— Não entendo bem. Eu por mim...

— Um dia entenderá tudo, minha filha — interrompeu a freira — o meu sobrinho, collocando-a n'esta casa e sob a minha guarda, deu a maior demonstração, que podia dar, do respeito, que lhe consagra e da purêza das suas intenções d'elle. A gente da nossa raça, menina...

— Tia, minha tia! — suplicou Juvat, temendo que a abadessa dissesse coisa, que, ainda de leve, pudesse referir-se á obscura condição da rapariga; no que dava uma excellente prova da sua finura de carácter.

— Sobrinho, eu quero fazer comprehendêr á minha pupila...

— Que ella não é nossa cativa, e... Muito bem, minha tia.

— E que um dia, depois de completada a sua educação, poderá livremente...

— O' minha senhora, eu...

— Bem, bem. Um dia falarêmos em tudo o que pensou dizer-me agora.

— O' meu Deus! — exclamou a rapariga, com verdadeiro sobresalto, apontando para o peito do official — Olhe, minha senhora... veja... veja. Juvat conservara-se até ali envolvido n'uma capa hespanhola, com que fingia preservar-se do frio, tendo de fora apenas o braço direito, com que gesticulava, e fizera os cumprimentos.

Um brusco movimento porém fêz-lhe descêr a dobra da capa, deitada elegantemente para o hombro esquerdo, e o respectivo braço ferido appareceu suspenso de uma ligadura preta, que lhe descia do pescôço.

D'aqui o sobresalto de Luiza, que acabou de revelar se abertamente, com grande júbilo do pundonoroso francês, que se sentiu, por tamanha demonstração de affecto, muito animado, a ponto de sentir que a própria ferida o não puniu n'aquelle ditoso instante.

Indagada pelas duas senhoras a causa do que viam, o sobresalto afflictivo diminuiu, e a tranquillidade voltou em razão de uma inofensiva mentira, que apenas denunciou um simples trambulhão do cavallo do regimento, e por esse motivo uma ligeira arranhadura...

— Dê-me as suas ordens, querida tia.

— Já? E até quando? — perguntou Luiza com acênto de tristêza.

— Ora esta! Já nós lá vamos? — pensou a priorêza, com um certo e inexplicavel ciúme.

— Até um dia breve, segundo penso. Bem vê, Luiza, que um militar...

— Não pode dispôr de si, quando quer. Dizas bem, sobrinho.

— Que ordens me dá, e que deseja que eu leve, da sua parte, para a nossa querida Bretanha, querida tia?

— Que ha-de querêr uma monja retirada do mundo, como eu, uma morta, embora morta-viva? Que hei-de mandar, que hei de querêr? Lembraças.

— Que direi á nossa familia?

— Que me lembro de todos, mas que os annos e a soledade, porque muitas vezes me julgo solitária no meio da comunidade, me vão fazendo ensandecer...

— Ora, ora, minha tia...

— Que mais se deve dizêr de uma religiosa da minha categoria, que se mete em aventuras de rapazes, acobertando-lhes os amôres...

— Bem sei, tia, que está a brincar comigo...

que não sente o que está a dizêr.

— Se não te conhecêra, sobrinho, agora seriamente l'o afirmo, se não vira em ti as resoluções inabalaveis, que caracterizam a nossa familia, eu com certêza me não envolveria nos episódios dos teus amôres... demasiado românticos.

— Que são a minha vida, pode crêr-o, e que um dia...

— Que é isso, minha filha? Têmos novamente lágrimas! Ora vamos. Eu tenho estado a divertirme, e não estabeleço agora censuras. Então?

E a abadessa atraira a si Luiza, que se lhe abraçara, commovida pelo que ouvia e pela próxima partida d'aquelle homem, que lhe produzia uma impressão tão agradável como desconhecida e difficil de descrever.

Ainda a um signal de mão, que valia por um extremo adeus, a priorêza despediu o sobrinho; e este, embuçando-se de novo, desaparecera rapidamente, internando-se na amplidão do vestibulo conventual.

E Luiza, a formosa, como a apelidavam, desde o começo?

E' natural que entrêmos no seu fóro íntimo, e que perguntêmos pela intimidade presente dos seus sentimentos, pela situação moral, em relação ao paiz, onde nasceu, e á familia, que lá deixou.

Luiza, em principio, como levemente indicamos, procedeu mais por instincto e credulidade infantil do que por indicações de uma razão mal educada e ainda medianamente perfeita.

Ao emprêgo da força, com que lutara valentemente, succederam as delicadezas, o carinho, as homenagens e os atraentes productos de uma educação superior, coisas desconhecidas, mas altamente seductôras para quem, como ella, tinha uma iatelligencia embrionaria, prestes a incendiar-se, e a esclarecê-la.

A sua situação de donzela, os melindres de mulher casta, as minudencias do seu pudôr — tudo fóra delicadamente respeitado.

Que homem era pois aquelle?

Dizia-se que o commum dos homens não era assim. Seria um príncipe? Deveria sê-lo, porque só príncipes tinham procedimentos eguaes, na ingenuidade da sua crença.

Curiosidade, suggestão e a esbeltêz d'aquella figura de estrangeiro distincto levaram na a seguinte, e a não opôr mais resistêcia, que por cima de tudo seria inutil.

Via-se constringida no seu livre arbitrio; e ás vezes, ao pensar n'isso, não sabia explicar por que não lhe pesava muito o cativo, em que se via.

O destino podia tudo; e ella entregara-se ao seu destino.

Internada no convento de Hoyos, ao recuperar algumas horas de completo socêgo, virava todas as suas lembranças para o passado, e tinha realmente saudades dos paes e da irmã, da sua terra e das margens e penhascos do rio Alva.

Quando as saudades eram mais pungentes porém, desenhava-se-lhe á vista o cavalheiroso e bello moço francês, muito bem pósto na sua garbada farda, e sentia outras saudades de uma nova e diversa naturêza a misturarem-se com as antigas...

Depois... tocava a sineta, e ia reunir-se a outras raparigas, filhas de grandes personagens, educandas ou noviças, de cujas maneiras e convivencia muito gostava. Vinha o estudo, vinham as benévolas advertências, as sábias lições da priorêza, e lá desaparecia fatalmente a perspectiva da aldeia, e lá se desvaneciam as imagens dos parentes e dos amigos.

Que diferença que Luiza achava em si, decorridos alguns mêzes, da ocasião, em que lhe fizeram despir em Coimbra os seus trajos de camponêza, para lh'os substituirem por fatos senhoriaes, de que tão mal sabia servir-se!

Verdade era que a sua familia não pertencia ás ínfimas do lugar, e que a sua manança e situação campesina se distinguiram um tanto entre as mais bem aquinhoadas; mas diferenças enormes achava ella em tudo o que o ensino e a educação lhe iam fornecendo ao seu côrpo e ao seu espirito.

Quando seria ella uma senhora, como as que via a seu lado?

E muito ao contrário da gente rústica, que se obstina, as mais das vezes, nos seus hábitos de bêsta-fera, que se insubordina ao contacto da civilização, absorvia-se toda na assimilação do que via ou lhe ensinavam, e aprimorava-se, e instrua-se, com uma rapidêz quasi miraculosa, que lhe conquistou logo a estima das companheiras, a admiração e affecto da priorêza.

A formosura tem uma poderosa influencia; e Luiza, a lindissima portugueza, sem o querêr, nem o pensar, insinuara-se por ella na afeição da superiora do convento de Hoyos, a severa freira, que a olhava já sem preconceitos de raça, e achava na sua extraordinaria bellêza o salvo-conduto para a extravagancia do sobrinho.

Tal era o presente em relação com o passado.

(Continua)

Sanches de Frias.





Recebemos e agradecemos:

Estatutos do Abrigo Santa Maria—São Paulo—1897.

Recebemos os presentes estatutos que são d'uma instituição de beneficência, destinada, como por elles se vê, a, sob protecção do juizo orphanologico da comarca e com a sua sede na capital do Estado de São Paulo, recolher os menores, sem distincção de sexo, côr ou nacionalidade, fornecendo-lhes medico, pharmacia e dietas, se estiverem enfermos, ou fazel os immediatamente recolher ás enfermarias, hospícios ou hospitaes d'aquella cidade, a com a maxima urgencia tratar de os empregar em casas abonadissimas, onde vençam uma soldada proporcional ao serviço que prestarem; soldada essa que, recolhida periodicamente em prestações adiantadas á Caixa Economica do Estado, virá mais tarde a formar o peculio do que a tiver vencido, e, por ultimo averiguar constantemente se os menores são tratados com humanidade, se lhes é dada a devida educação domestica a par dos principios da moral e de regular instrução primaria por quem a seu cargo os tomou.

Os socios são de quatro classes: fundadores, effectivos, benemeritos e correspondentes, que pagarão 20000 réis de mensalidade.

O fundador de tão sympathica aggremação de caridade e previdencia foi o sr. dr. Hyppolito de Camargo.

O Abrigo Santa Maria funciona provisoriamente em casa de um dos seus fundadores mais illustres o sr. Antonio Meideiros Simas Pimenta, visto desde o anno de 1896, sua esposa a benemerita socia sr.ª D. Maria Pimenta, ter tido ahi um numero de menores nunca inferior a vinte, aos quaes dispensa protecção segura e sem ostentação.

Em tempo opportuno a assembleia geral convidará os representantes dos poderes publicos a tomarem posse do Abrigo Santa Maria, como devolvido pelos seus fundadores e mantenedores ao Estado de São Paulo.

Estes notaveis Estatutos foram approvados em assembleia de 31 de Março 1896, e bem se podem reputar muito similhantes, e mesmó superiores aos do nosso Albergue das Creanças Abandonadas, que tantas sympathias tem conquistado.

Revista Critica de Historia y Literatura. española, portuguezas e hispano-americanas. Anno II.—N.º 4-7. Abril a Junho de 1897. Madrid.—Pecidiados, 48.

D'esta interessante revista, proficientemente dirigida por Rafael Altamira, temos presente os numeros relativos a Abril a Julho do anno corrente.

Além de muitas noticias ácerca de cousas portuguezas, vêem-se n'estes numeros os seguintes artigos; tambem de interesse nacional:

Canções populares da Beira por P. Fernandez Thomaz. — *Gracian e Sá de Miranda* por D. Carolina Michælis de Vasconcellos. — *O descobrimento do Brazil, segundo Batalha Reis.* — *A chronica de Azurara* por W. Webster.

O centenario indiano — Pará — Brazil — Typ. e papelaria de Alfredo Silva & C.ª — Praça Visconde Rio Branco — 12 — 1897.

N'um folheto muitissimo bem impresso que faz honra ao trabalho das officinas de onde sahiu, publicou-se o alevantado manifesto endereçado ás colonias luzitanas residentes no estrangeiro pelas associações portuguezas estabelecidas no Pará.

Devemos a gentileza da offerta ao nosso preza-do conterraneo e confrade, ao presente nas terras de Santa Cruz, o nosso amigo e distincto escriptor Francisco Pacheco, secretario da commissão paraense.

Relatorio e contas da gerencia do Instituto Luso-Indiano do anno de 1895, — Bombaim, na Typographia do «Anglo-Lusitano», 1896.

Este Instituto é a unica instituição litteraria que existe no seio da Comunidade portugueza de Bombaim. Foi fundado para divulgar na India Britanica a litteratura portugueza; possui um gabinete de leitura e uma modesta livraria quasi toda portugueza.

Eis os nomes dos benemeritos dirigentes da prestante associação, e que subscrevem o relatorio que temos presente: Dr. Vicente Nunes Tavares, Consul Geral de Portugal na India Britanica, presidente. João Francisco F. d'Athaide, secretario. Lourenço G. de Sousa thesoureiro. Commenda-

asylo, e dá-nos a grata noticia de que em breve a magestosa egreja será restituída ao culto.

Revue populaire des Beaux-Arts—N.º 1— Octobre 22—1897—Rue Grange Batehere.

Uma nova revista franceza que nos visita, e que o faça por longos tempos. Assim o desejamos, pois apresenta interesse e offerece elementos apreciaveis nos seus artigos de arte industrial.

Centenario da India — Regatas nacionaes e internacionais.

Recebemos o programma das regatas de véla que se realizarão nos dias 15 16 e 17 de Maio de 1898, em Cascaes, Paço d'Arcos, e Lisboa, para as quaes se estabelece, entre outros, um 1.º premio denominado *Taça Vasco da Gama*, com 200 libras e uma medalha de ouro.

Este premio está sujeito ás seguintes condições:

A taça ficará na posse do Club a que pertencer o barco vencedor afim de constituir um premio internacional perpetuo, e que só poderá ser disputado em regatas em que entrem dois ou mais clubs. Essas regatas serão annuaes ou em periodos nunca excedentes a 3 annos; e a sua organização competirá ao Club que estiver de posse da taça

e terá logar mediante coadjuvação da Sociedade de Geographia de Lisboa e dos club nauticos portuguezes se o Club organisador assim o entender conveniente. O certamen terá logar em Cascaes.

Trechos selectos do padre Antonio Vieira — Publicação commemorativa do bicentenario da sua morte — 1697-1897. Preço 300 réis.

Precedida de uma bem elaborada noticia biographica do illustre padre jesuita, escripta pelo consciencioso jornalista major sr. José Fernandes de Sousa, insere esta compilação formosissima trechos das producções do padre Antonio Vieira.

Adorna o livro uma photogravura correcta do retrato do grande pregador, reproduzida do quadro existente na Imprensa Nacional, de que nós publicámos aqui em tempo opportuno uma reproducção em formato grande.

Acompanha-o tambem um autographo em lithographia representando o final de uma interessante carta inedita, dirigida ao que parece, a Duarte Ribeiro de Macedo, e a qual se encontra na Bibliotheca Nacional.

A parte material do grosso volume é pois equivalente ás bellezas que encerra. Bom papel, typo bastante legivel e moderno, a presente edição deve merecer uma enorme extracção porquanto a tudo isso se junta o preço modicissimo de 300 réis, que decerto não paga as despezas, mas que faculta o facil apreço das celebres producções do extraordinario mestre da lingua portugueza.

Pela sabia orientação que presidiu á feitura d'esta anthologia, felicitamos sinceramente a digna commissão que n'ella congregou dois factos igualmente alevantados: Uma homenagem ao auctor e um serviço relevantissimo aos leitores portuguezes e estrangeiros proporcionando-lhe um agradável conhecimento litterario. Por tudo isto os nossos mais decididos encomios á illustrada commissão.

Almanach illustrado do «Occidente» Para 1898

Entrou no prelo este esplendido annuario para 1898 d'onde está prestes a sahir.

Desde já se recebem encomendas na EMPREZA DO «OCCIDENTE» — LARGO DO POÇO NOVO — LISBOA

Typ. de A. E. Barata Rua Nova do Loureiro, 25 a 39



UM BALANGAI DAS ILHAS DE S. LAZARO OU FILIPPINAS

Vid. artigo Fernão de Magalhães

dor Dr. J. Accacio da Gama, Emygdio José Godinho, Remigio Lobo, Antonio Simão d'Andrade, J. M. P. Sanches Rodrigues, vogaes.

Observações ao regulamento para a desamortisação dos bens das comunidades de 1 de fevereiro de 1897 por L. Baptista Gomes, advogado nos auditorios da India portugueza. — Nova Goa — Typ. Hitachintaka, 1897.

N'este trabalho, o sr. Baptista Gomes tratou de anotar as regras e preceitos do regulamento alludido, os quaes feriam profundamente os interesses vitaes das comunidades de Goa, que por algumas d'essas prescripções se viam compellidas a gastos e despezas inuteis.

Relatorio e contas da gerencia do Asylo de D. Maria Pia — Lisboa — 1897.

Este relatorio pertence aos annos economicos decorridos de 1884-85 a 1893-94, o que, na verdade, mostra grande atrazo na sua publicação, e nos permite louvar o digno presidente da commissão administrativa, sr. conselheiro Frederico de Abreu e Gouveia, que n'este importante documento desonorou dos deveres de tão importante cargo.

Entre muitos dados interessantes diz-nos o bem elaborado relatorio que o culto divino na capella se tem mantido em harmonia com as condições do estabelecimento e com as tradições do extincto convento da Madre Deus, hoje pertencente ao